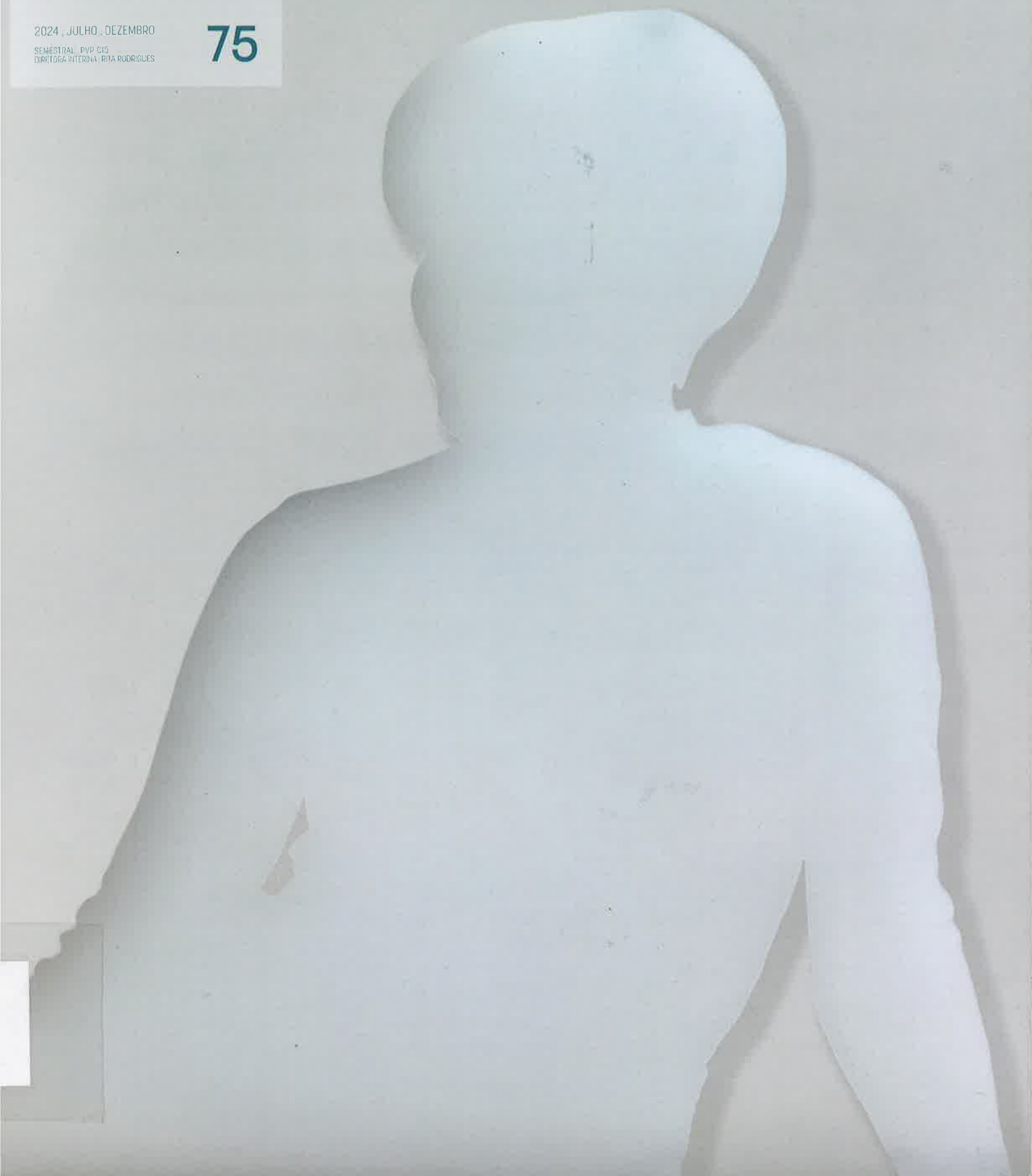


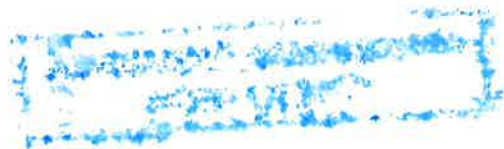
# islenha

2024, JULHO, DEZEMBRO

SEMESTRAL PVP CIG  
DIRETORA INTERNA RITA RODRIGUES

## 75





- 6** MUDAS Museu de Arte Contemporânea da Madeira  
*Como uma ilha sobre o mar: Lourdes Castro*  
Itinerância Nacional
- 10** Emanuel Gaspar e Victor Mestre  
A casa-tela Lourdes Castro: um “auto-retrato”  
Contexto de um tempo prolongado, Portugal uma ilha no universo europeu
- 18** Ana Isabel Maniz  
“Porto Santo era a minha segunda pele” – *Os Profetas*, de Alice Vieira
- 24** Paulo Ladeira  
Pinturas de Nicholas Chevalier nas oito viagens à Madeira (1887-1896)
- 44** Rui Carita  
A circulação do mobiliário de vime madeirense
- 56** Paulo Esteireiro  
Seis Séculos de Música na Madeira:  
Influências Culturais, Períodos, Músicos, Composições e Espaços de Atuação
- 96** Cristina Trindade  
Sociedade, crime e castigo na imprensa madeirense (1823-1828) – Parte I  
A ligação entre crime e imprensa – brevíssima abordagem
- 110** Naideia Nunes Nunes e Luísa Gouveia  
Património Enogastronómico, Turismo e Sustentabilidade:  
Tradições Agrícolas e Culinárias da Madeira (Santo António – Funchal – e São Jorge – Santana)
- 140** Alessio Lacché e Helena Rebelo  
Balamento/ Balamente/ Belamento/ Belamente: Reza!  
Acheegas para compreender a tradição de um jogo com variação linguística
- 154** Maria da Paz Camacho  
Postos e Regentes Escolares  
Contributos para a História da sua Participação no Sistema de Ensino Primário Português

## ÍNDICE



CAPA  
Cast shadow  
(Christa Maar), 1968  
Pintura gliceroftálica  
sobre plexiglas  
Coleção do MUDAS.  
Museu de Arte  
Contemporânea da Madeira  
Proveniência:  
Col. Maria Eugénia  
e Francisco Garcia  
Lourdes Castro  
(1930-2022)  
Créditos fotográficos:  
Gregório Cunha

O conteúdo dos artigos é da  
exclusiva responsabilidade  
dos seus autores.

PROPRIEDADE E ADMINISTRAÇÃO  
Governo Regional da Madeira  
Secretaria Regional de Economia,  
Turismo e Cultura  
Direção Regional da Cultura

EDIÇÃO (DIREÇÃO E REDAÇÃO)  
Direção Regional da Cultura  
Rua dos Ferreiros, 165  
9004-520 Funchal

CONSELHO EDITORIAL  
Élia de Sousa, Rita Rodrigues

CONTACTOS  
Telf. 291 145 930  
islenha.revista@madeira.gov.pt

DIREÇÃO INTERINA  
Rita Rodrigues

DESIGN  
Jorge Abreu

PAGINAÇÃO  
Jorge Abreu

TIRAGEM  
1000 exemplares

PREÇO  
PVP: €15,00

ESTATUTO EDITORIAL,  
NORMAS DE COLABORAÇÃO  
E FICHA DE ASSINATURA  
[https://cultura.madeira.gov.pt/  
revista-islenha](https://cultura.madeira.gov.pt/revista-islenha)

Registo no ERC: 127748  
ISSN: 0872-5004  
Depósito Legal: 16 825/87  
NIPC: 671 000 527

EXECUÇÃO GRÁFICA  
Louresgráfica  
Rua João Camilo Alves, 6-A  
2670-061 Bucelas  
Telf. 219 687 510  
[www.louresgrafico.pt](http://www.louresgrafico.pt)

Reservados todos os direitos  
segundo a legislação em vigor.

islenha

Temas Culturais das Sociedades Insulares Atlânticas  
n.º 75 · Publicação semestral – julho · dezembro 2024



“Porto Santo era a  
minha segunda pele”  
– *Os Profetas*,  
de Alice Vieira

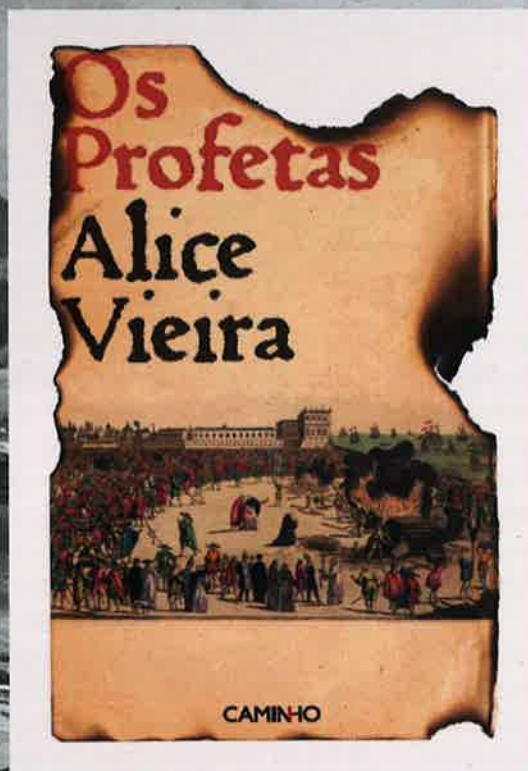
Ana Isabel Moniz

“ Nunca pensei que houvesse algum lugar  
no mundo que não cheirasse a mar.

Alguma terra que não estivesse coberta de urzes,  
zimbro, corgos e dragoeiros.

O mar entrou-me pelos olhos dentro desde o dia  
em que nasci. Onde quer que eu estivesse,  
ele estava sempre na minha frente.”

Alice Vieira



Partimos da epígrafe para situar o leitor no espaço diegético de *Os Profetas*, de Alice Vieira, “narrativa poética” (Seixo, 2012: 11) que dá título a este texto: o Porto Santo, ilha coberta de dragoeiros e urzes, zimbros e corgos, cuja fronteira líquida do mar cerca o espaço onde se desenrola a acção e a vida, no ano de 1553, no já remoto século XVI.

A história que enforma a obra de Alice Vieira baseia-se num episódio histórico descrito por Gaspar Frutuoso em *As Saudades da Terra*, manuscrito que terá sido redigido entre 1586 e 1590, no qual o historiador, sacerdote açoriano,

mas também cronista insulano, refere que “Do que fizeram hum homem e huma mulher naturaes da Ilha do Porto-Santo, enganados pelo Spírito mão, aos quaes o povo comumente, pelo nome da mesma ilha, chamou Prophetas do Porto-Santo” (Frutuoso, 2007: 55).

De acordo com Gaspar Frutuoso, Fernão Nunes, de alcunha Bravo, filho de um homem honrado, terá sido tentado pelo demónio, “que lhe meteo na cabeça de o fazer adivinhador, para que o tivessem por propheta, e assi infamar muita gente” (Frutuoso, 2007: 56). Como resultado, o povo seguia-o, para ouvir as suas

pregações, “de maneira que se juntou toda a gente da ilha, Juizes e Vereadores, e homens principaes, altos e baixos e todo o povo” (Frutuoso, 2007: 57). Assistiam não só às pregações, o que aos olhos da Igreja era considerado uma heresia, como também a milagres, de que pode ser exemplo o da sua sobrinha Filipa Nunes, moça de cerca de dezasseis anos, tolhida das pernas e acamada há cerca de dez anos, que após a intervenção de Fernão Nunes, recupera a mobilidade.

Segundo o relato de Gaspar Frutuoso, depois do alvoroço gerado pela presença dos dois “profetas”, o Corregedor e alguns homens da igreja deslocaram-se à ilha para prender os profetas, tendo-os levado para Machico e enviando-os posteriormente para Évora, para cumprir a sentença: para além dos castigos impostos pela Inquisição, ficaram na “porta da See de Evora em huma escada, cada hum com sua carocha de papel com letras que diziam: «Propheta do Porto-Sancto»” (Frutuoso, 2007: 60-61). O rei terá ainda condenado também todos os moradores da ilha a pagar uma quantia que reverteria para uma obra no Porto Santo, “por serem as ditas abusões dos profetas falsos” (Frutuoso, 2007: 61).

Também Agustina Bessa-Luís, em *A corte do Norte*, se refere ao caso do profeta Fernão Nunes e sua sobrinha Filipa que “trouxe tanto a ilha, como o país inteiro em grande alvoroço”, devido às práticas “sectárias, do tipo iluminado” (Bessa-Luís, 1987: 19), para apresentar uma possível justificação para o “carácter fechado e singular, com uns prenúncios místicos” (Bessa-Luís, 1987: 19) de Rosalina Barros, a protagonista, natural de Porto Santo.

Por sua vez, Viale Moutinho, em *Contos populares e lendas das Ilhas da Madeira e do Porto Santo*, explica a origem da lenda dos Profetas, numa ilha em que “a maioria da população nunca ultrapassou o estado de pobreza, em benefício de uma

minoría” (Moutinho, 2020: 258) e numa época em que os livros eram “proibidos pela Igreja porque confundiam os menos letrados” (259).

É, pois, através do relato de Gaspar Frutuoso que Alice Vieira parte para construir *Os Profetas*, obra na qual descreve, através da sua veia lírica, a origem do nome profetas na referência feita à população porto-santense. É de sublinhar que as ilhas têm sido desde sempre objecto de inúmeras representações literárias e artísticas, pela sua condição de *imago mundi* (Fougère, 1995: 11), não só por uma eventual relação que estabelecem com uma ideia de paraíso, mas também com a de um lugar vedado, que associa o seu fechamento a um universo que se abre a inúmeras possibilidades. Talvez por essa razão se possa explicar a complexa dimensão mítica e simbólica que esse espaço adquire, e que continua a determinar o imaginário de autores, artistas e investigadores.

Inspirando-se na História, a autora vai mais longe, dando a ver a vida nesta ilha na época quinhentista, na qual situa o tempo da diegese, mostrando a luta contra a exploração, a ignorância, a prepotência e o medo a que estava sujeita a população:

E porque me curei da cegueira,  
vejo o que os outros não vêem...  
Por exemplo: será justo que estes  
ladrões da terra que roubam o  
trabalho dos pobres e velhos, como  
meu pai, ainda os forcem a pagar  
a dízima obrigatória?! E a Igreja  
vê esta exploração e não diz nada!  
(Vieira, 2011: 70-71)

É precisamente através da metáfora da cegueira, pela voz de Fernão Nunes, chamado por todos de Fernão Bravo, que a autora descreve as difíceis condições de vida a que estavam sujeitos os habitantes daquela terra,

“ilha do fim do mundo,  
abandonada por todos,  
«somos a terra para que Deus  
nem olhou», tantas vezes ouvi minha  
mãe repetir!” (Vieira, 2011: 92)

Depois de vários anos passados no mar, em busca de glória, a lutar contra mouros, franceses, holandeses, espanhóis, mas também piratas e corsários, Fernão Nunes regressou um dia, quando já ninguém acreditava que voltasse, julgando cumprir-se a mesma sorte que tivera seu pai, Gonçalo Nunes, desaparecido no mar, no meio de uma tormenta. Foram doze anos de tempestades, ataques de piratas, riquezas e desventuras que lhe mudariam a vida e sobretudo a perspectiva sobre a mesma. Os anos passados longe da ilha e o contacto a bordo com Frei Álvaro seriam decisivos para essa radical mudança na sua vida. “Quem não sabe é como quem não vê” (Vieira, 2011: 65), dizia-lhe Frei Álvaro, numa alusão metafórica à cegueira resultante do desconhecimento e da ignorância. Ensinar-lhe-ia a ler nos livros e pergaminhos e, assim, a descobrir outras visões alargadas sobre o mundo, fazendo-lhe prometer que envidasse todos os possíveis para transmitir esse conhecimento a outros:

“Vou fazer de ti um homem  
sábio [...] Para entenderes o que  
se passa à tua volta e o que se  
passa longe de ti. Para enfrentares  
o mundo de cabeça levantada.  
(Vieira, 2011: 65-66)

São esses livros, que são “livros de ciência, são livros de leis, são livros de viagens, são livros de antigos reis, são livros de história, são livros sagrados...” (Vieira, 2011: 69), onde aprendera a ler, que Fernão Nunes irá transportar para o

Porto Santo na sua bagagem, muitos anos mais tarde, aquando do seu regresso à ilha, escondendo-os numa gruta, nas cercanias do Pico do Facho:

Não posso ficar muito mais tempo sem fazer nada... Trato da terra de meu pai e do rebanho, mas o meu pensamento anda sempre longe. Não voltei do mar para ser mais um a baixar a cabeça e a obedecer cegamente a quem manda. (Vieira, 2011: 71)

É também através desses livros que irá ensinar a sua sobrinha paraplégica, Filipa Nunes, a ler e, assim, a abrir-lhe os olhos para as injustiças que se praticavam na ilha, por conta da exploração de “nosso-senhor”, o patrão da terra, distinto de Nosso Senhor celestial:

Nosso Senhor vendo-nos do céu, e nosso-senhor espiando-nos na terra.  
Nosso Senhor prometendo as bem-aventuranças do paraíso a quem lhe obedecesse cegamente; nosso-senhor prometendo-nos meia dúzia de moedas em troca da nossa vida inteira a aumentar a sua glória e proveito. (Vieira, 2011: 25)

Desde que se lembrava, Filipa Nunes, a narradora, sempre cuidara de vacas, cabras e ovelhas, apavorada para que nunca nenhuma se perdesse. Fora, aliás, por causa do patrão quando, ainda menina, “ainda mal me conseguia equilibrar nas pernas [...] minha mãe me passou um cajado para as mãos e me empurrou para a frente delas” (Vieira, 2011: 22). Até um dia, em que tudo aconteceu pelo pior: quando começa a juntar o gado, ao fim da tarde, deu por falta de duas vacas. Aterrorizada com a reacção de “nosso senhor” e da família, percorre a

ilha a pé sem as encontrar. Decide entrar pelo mar adentro, onde permaneceria várias horas, tolhida pelo pavor e pelo frio. Como consequência, deixa de andar, tendo ficado acamada durante cerca de dez anos. Até que seu tio Fernão, “um dia regressado [à ilha] de vidas aventureiras e coberto de medalhas” (Vieira, 2011: 91), lhe dedica atenção, a carrega às costas para levá-la a passear e a conduzir à gruta, aos livros e ao conhecimento: “Ali estão os maiores tesouros que um homem pode ter. [...] Livros” (Vieira, 2011: 52).

Fernão ensina-a a ler, arrancando-a da enxerga no fundo da casa onde vivia, e carregando-a todos os dias para a gruta onde escondera os livros e os manuscritos legados por Frei Álvaro. São, pois, estes escritos que lhe viriam a ensinar a ter novos pensamentos e a abrir os olhos para as coisas e novos mundos até então nunca imaginados:

[...] o deslumbramento da descoberta de novos mundos, a alegria de Fernão por poder salvar as gentes da cegueira.  
(«A cegueira da ignorância», repetia ele muitas vezes.)  
(Vieira, 2011: 150)

Afinal, embora cercados pelo espaço limítrofe da ilha, os livros permitiam-lhes transpor fronteiras, ao alargar horizontes. Abrindo-se, desse modo, ao conhecimento e ao mundo, tio e sobrinha chamam a atenção da população da ilha.

A narrativa de Alice Vieira procura dar voz a um povo, nesse já longínquo período da história insular, conformado e sem esperança, que trabalha arduamente uma terra ressequida, explorado pelo senhor rico da ilha, que “fazia de nós escravos” (Vieira, 2011: 22). Com os olhos postos no mar, onde se inscrevem as marcas da aspiração a

uma vida melhor, o ilhéu parece encontrar nessa fronteira líquida a clarividência e a oportunidade para despertar para uma radical transformação da sua existência. Concretizando o seu percurso, sempre movido pelo fascínio de uma possível revelação, os sucessivos anos que passa no mar levá-lo-ão a um confronto com o real sentido da vida.

Aquando do seu regresso a Porto-Santo, imbuído de energias sobre-humanas que irão marcar o seu itinerário pelos caminhos da transgressão, Fernão Nunes assumir-se-á como a voz da transformação necessária para a ilha: “As pessoas ficavam diferentes só de o ouvir” (Vieira, 2011: 92). Através de um eventual milagre, o da locomoção da sua sobrinha, despertariam da letargia em que se encontravam, com a expectativa de uma verdadeira mudança para uma outra vida, “desejando outro mundo, outra vida, para lá da que me esperava” (Vieira, 2011: 125). Afinal, “nem sequer podíamos pensar em fugir: é o mal de todos os que vivem rodeados de mar” (Vieira, 2011: 125). Como refere Godfrey Baldacchino, “[a]n island can be both paradise and prison, both heaven and hell. An island is a contradiction between openness and closure, between roots and routes” (Baldacchino, 2007: 165).

Contudo, em *Os Profetas*, o mar tende a surgir como elemento libertador, pois é o espaço onde Fernão desperta, através do contacto com os livros, para a necessidade de tentar fazer a diferença, procurando curar o povo da cegueira, ou seja, da exploração que os mergulhava na miséria. O retiro e o isolamento que o moldaram aquando dos anos passados no mar, distingui-lo-ão das outras entidades ficcionais, na medida em que, separado e distante dos outros, será ele o eleito, esse a quem será dada a possibilidade de se tornar num “homem sábio” (Vieira, 2011:

65), permitindo a anulação das fronteiras entre o mundo real e o transcendente. Alimentando a crença e sobretudo a vontade, Fernão Nunes opera o milagre transfigurado pelo olhar-vulcão, numa clara alusão à ilha, gerador de novas terras e assim de novas vidas:

Fernão aproximou-se ainda mais de mim, olhou bem para dentro dos meus olhos

(... lava de vulcão queimando tudo...)

Pôs as suas mãos sobre as minhas pernas e disse:

- Pela força da nossa vontade, iremos onde é preciso. [...]

(... lava de vulcão queimando tudo...)

E de novo as suas palavras:

- Pela força da tua vontade...

Estranha, tão estranha a voz de Fernão...

- ... e pelo poder das palavras que tudo salvam...

Estranha, tão estranha a voz de Fernão...

- ... e por todos os profetas que anunciaram verdades que ninguém quis ouvir...

Estranha, tão estranha a voz de Fernão...

- ... eu te ordeno que te ergas dessa cama e caminhes!

E as minhas pernas mexeram-se, como quando eu

era criança a andava a correr atrás das vacas.

E eu ergui-me da cama e caminhei. (Vieira, 2011: 76)

Declarando-se inspirados pelo Espírito Santo, tio e sobrinha são proclamados profetas na ilha e acompanhados pelas gentes de todas as classes sociais, tendo a sua pregação convencido ricos e pobres, que renunciavam às suas vestes e partilhavam as poucas posses que tinham. São eles que durante dezoito dias todos querem seguir nessa (ilha-) gruta, guardiã de segredos, que logo se tornaria lugar de peregrinação. São eles que todos esperam à porta da “casa escura do Farrobo” (Vieira, 2011: 37) e que todos querem tocar, para saberem como tudo tinha acontecido. São eles os únicos capazes de libertar o ilhéu da ignorância, da opressão e assim da miséria:

E ele era obrigado a vir cá para fora e a falar às pessoas.

E ele falava, falava, falava.

E acusava os senhores da Igreja de colaborarem com os senhores da terra para aumentarem a exploração dos pobres. (Vieira, 2011: 84)

Uma nova voz que se faz ouvir numa ilha sedenta de mudança para uma vida melhor, procurando, assim, a escrita de Alice Vieira, dar voz aos silenciados da história oficial e de um poder perpetuado devido à passividade da sociedade de

então, subjugada por instâncias políticas e clericais autoritárias.

Todavia, o alvoroço causado pelos profetas viria a despertar também a atenção de outras entidades. Um homem, de seu nome Frei Gaspar Gato, denunciou a situação e logo a Inquisição agiu de forma a travá-la. Tio e sobrinha, os profetas, serão por isso acusados pelos clérigos de heresia, sumariamente julgados em Machico e transportados para Évora, onde serão torturados e humilhados pelo Tribunal do Santo Ofício.

De profeta-herói, que todos querem ouvir e seguir, Fernão Nunes passa rapidamente a ser considerado “o homem-demónio que está a atentar contra el-rei e a Santa Madre Igreja” (Vieira, 2011: 126).

Filipa Nunes salva-se quando, julgada morta, a transportam junto com Fernão e muitos outros corpos na carroça dos “mortos-vivos” (Vieira, 2011: 14). “Mas agora eu sabia que nada nos podia valer. Os seus poderes tinham ficado para sempre na ilha, porque só a ela pertenciam” (Vieira, 2011: 15). Perde a voz, mas refaz a sua vida, ficando a viver na Lisboa cosmopolita de quinhentos. A escrita, a leitura, os livros e assim o conhecimento substituíram-lhe a voz que perdera - que lhe calaram? -:

“Os meus olhos abriam-se, de repente, para novos mundos, que tinham estado sempre à minha frente, só que eu não os podia compreender” (Vieira, 2011: 73-74).

Com a ilha dentro de si, como uma “segunda pele. Não lhe podia escapar” (Vieira, 2011: 125), nunca mais tornaria à ilha de Porto Santo. Filipa Nunes casa-se, ficando conhecida como a “Muda de Duarte Lourenço” (Vieira, 2011: 11). Embora sem voz, é ela quem mais de quarenta e cinco anos depois narra o sucedido, deixando para a posteridade o “relato verdadeiro do primeiro passo que nos levou à perdição” (Vieira, 2011: 75). Relato da sua vida e das aventuras que marcaram os habitantes e a ilha, feito, anos mais tarde, a partir de Lisboa onde ficaria a viver para sempre. Entre o isolamento da ilha, aqui desdobrado pela “cegueira” e exploração a que estava sujeito o povo ilhéu, e a azáfama da Rua Nova e do bairro da Sé da capital, a obra de Alice Vieira constrói-se misturando tempos, lugares, factos e memórias: o tempo glorioso dos Descobrimentos, o Rei Desejado, as alusões a Damião de Góis, conhecido da nova família de Filipa Nunes, numa aproximação ao território humanista e à descoberta do crescimento da protagonista, na sua condição de mulher.

Como afirma Maria Alzira Seixo, “a singularidade do texto está logo em que essa voz é a de alguém que se vê, entretanto, privado da fala, e de quem o romance faz ouvir os gritos emudecidos” (Seixo, 2012: 11). São, pois, os gritos e vozes de uma ilha que se liberta do obscurantismo e do medo, da miséria, da exploração, “embalada pelas ondas e pelo cheiro dos zimbros, dos corgos e dos drageiros” (Vieira, 2011: 170).

#### BIBLIOGRAFIA

- Baldacchino, Godfrey. 2007. “Islands as Novelty Sites”, in *Geographical Review*, vol. 97, n.º 2, Islands (Apr.), pp. 165-174.
- Beate Ratter. 2018. *Geography of Small Islands: Outposts of Globalisation*. Cham: Springer.
- Bessa-Luís, Agustina. 1987. *A Corte do Norte*. Lisboa: Guimarães Editores, Lda.
- Fougère, Éric. 1995. *Les voyages et l'ancrage. Représentation de l'espace insulaire à l'Âge classique et aux Lumières (1615-1797)*. Paris: L'Harmattan.
- Gaspar Frutuoso. 2007. *As Saudades da Terra*. Funchal: Funchal 500 Anos.
- Moutinho, José Viale. 2020. *Contos populares e lendas das Ilhas da Madeira e do Porto Santo*. Funchal: Cadmus.
- Philippe, Nora. 2003. “Du spirituel dans l'île”, in *L'île, Revue Tracés*, n.º 3, Lyon: ENS Éditions, pp. 9-23.
- Seixo, Maria Alzira. 2012. *Os Profetas*, de Alice Vieira. De Porto-Santo e de Livros, in *Jornal de Letras*, 5-18 de Setembro.
- Vieira, Alice. 2011. *Os Profetas*. Lisboa: Caminho.

1. Panorâmica do lado oeste da ilha do Porto Santo [vista do Pico Ana ferreira?]  
Foto: ABM/PT/ABM/EEM/003/000056. MFM/AV.

Ana Isabel Moniz

Universidade da Madeira – Faculdade de Artes e Humanidades  
Centro de Estudos Comparatistas – Universidade de Lisboa

\* A autora escreve segundo o anterior Acordo Ortográfico.